

# REPRESENTAÇÕES DA MULHER NAS CRÔNICAS DE JÚLIO DANTAS NA REVISTA *ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA* (1913-1916)

REPRESENTATIONS OF WOMEN IN JÚLIO DANTAS'S CHRONICLES  
IN THE MAGAZINE *ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA* (1913-1916)

## **Orquídea Moreira Ribeiro**

Doutora em Ciências Humanas e Sociais - Cultura pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real/Portugal).  
Professora Associada com Agregação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real/Portugal); Investigadora Integrada no Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade (Braga/Portugal). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7665-9627>  
E-mail: [oribeiro@utad.pt](mailto:oribeiro@utad.pt)

## **Fernando Alberto Torres Moreira**

Doutor em Cultura Portuguesa pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real/Portugal);  
Investigador Integrado no Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade (Braga/Portugal).  
Professor Catedrático na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real/Portugal). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3729-9387>  
E-mail: [fmoreira@utad.pt](mailto:fmoreira@utad.pt)

## **Susana Pimenta**

Doutora em Ciências da Cultura pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real/Portugal).  
Professor Auxiliar Convidado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real/Portugal); Investigadora Integrada no Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade (Braga/Portugal). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3376-4344>  
E-mail: [spimenta@utad.pt](mailto:spimenta@utad.pt)

Recebido em: 18 de abril de 2023

Aprovado em: 15 de junho de 2023

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 20 | n. 2 | p. 237-254 | jul./dez. 2023

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.3401>

**RESUMO**

Entre abril de 1913 e maio de 1916, Júlio Dantas publicou 129 crônicas na 2ª série da *Ilustração Portuguesa*. Iniciada em fevereiro 1906, a 2ª série assumia-se como “Revista semanal dos acontecimentos da vida portuguesa – vida social, vida política, vida artística, vida literária, vida mundana, vida sportiva, vida doméstica” e não incluiu até ao nº 374 qualquer crônica, ao invés do que sucedera em toda a 1ª série (1903-1906). Recuperando a crônica, o diretor Silva Graça entregou a responsabilidade da sua escrita a Júlio Dantas, num formato diverso do anterior que era de temática única; agora a crônica surge, “sob uma nova forma, a do comentário impressivo a idéas e factos, precedido do enunciado rápido desses factos ou d’essas idéas” porque “O leitor moderno lê ‘à la minute’: vinte linhas são suficientes para encontrar um aspecto novo, marcar uma figura, comentar uma iniciativa ou fixar um acontecimento” (Dantas 1913<sup>a</sup>, p. 487). Dantas respeitou estes ditames: nas crônicas palpita a realidade social, cultural e política do Portugal republicano com um comentário pessoal sempre conclusivo. Entre os temas tratados, a mulher, cuja realidade sociocultural ganhava um novo impulso, ocupa lugar destacado. Por isso, pela oportunidade temática e originalidade da abordagem, o objetivo deste texto é uma análise de representações da mulher tais como a mulher e a moda, a mulher e a guerra ou a mulher e o movimento sufragista.

**Palavras-chave:** Júlio Dantas. Mulher. Representações culturais. *Ilustração Portuguesa*. Crônicas.

**ABSTRACT**

Between April 1913 and May 1916, Júlio Dantas published 129 chronicles in the second series of *Ilustração Portuguesa*. With publication starting in February 1906, the second series was a “Weekly review of the events of Portuguese life - social life, political life, artistic life, literary life, worldly life, sporting life, domestic life” and did not include any chronicle until number 374, contrary to what happened in the entire first series (1903-1906). Recovering the chronicle, the director Silva Graça gave the responsibility of its writing to Dantas, in a different format from the previous one, which had a single theme; now the chronicle appears, “under a new form, that of the impressive comment to ideas and facts, preceded by the quick enunciation of those facts or those ideas” because “The modern reader reads ‘à la minute’: twenty lines are enough to find a new aspect, mark a figure, comment on an initiative or fix an event”. Dantas respected these guidelines: in the chronicles he gives his opinion about the social, cultural and political reality of the republican Portugal with an always conclusive personal comment. Among the themes he dealt with women, whose socio-cultural reality was gaining a new momentum, occupy a prominent place. Therefore, by the thematic opportunity and originality of the approach, the aim of this text is an analysis of the representations of the female, such as women and fashion, women and war or women and the suffragist movement.

**Keywords:** Júlio Dantas. Woman. Cultural representations. *Ilustração Portuguesa*. Chronicles.

## INTRODUÇÃO

No início do século XX, através da crónica, a intelectualidade portuguesa tinha uma participação ativa na imprensa, nomeadamente na revista *Ilustração Portuguesa*<sup>1</sup>, considerada um periódico inovador e de vanguarda. De forma geral, as páginas dedicadas à narrativa breve procuravam provocar, através da paródia ou a ironia, o divertimento, mas também a reflexão, moldando de alguma forma as ideias ou os ideais dos leitores.

Este trabalho visa demonstrar e refletir sobre o pensamento do escritor e político Júlio Dantas, no que concerne as mulheres, numa época em que a emancipação feminina dava os primeiros passos em Portugal. Para o efeito, procedeu-se à identificação e recolha das crónicas, publicadas na *Ilustração Portuguesa* e digitalizadas pela Hemeroteca Digital de Lisboa<sup>2</sup>.

Foram identificadas cento e vinte e nove crónicas assinadas por Dantas entre 1913 e 1916, das quais trinta e seis tratam sobre o mundo feminino. No entanto, esta análise foca-se, exclusivamente, em vinte e sete crónicas que se debruçam sobre representações da mulher, a ligação desta à moda, à guerra e ao movimento sufragista, movimento este que se começava a afirmar em Inglaterra com várias ativistas a merecer a atenção do cronista, que também opinava sobre a estética feminina.

## 1 CRONICAR – BREVE ESTADO DA ARTE

A crónica é, na definição de Vítor Silva Lopes, um “pequeno texto narrativo que se ocupa de um episódio (às vezes banal ou insólito) do quotidiano. O cronista prevalece o comentário, numa linguagem expressiva, por vezes poética, mas simples e clara” (AAVV, s/d, p. 50). Na mesma linha de pensamento, Yves Agnès (2008) encontra na crónica “uma reflexão sobre a atualidade” de vária ordem, desde acontecimentos que se revelam importantes para o conhecimento público, ao registo de leituras do cronista, episódios do quotidiano por ele vividos ou as suas experiências pessoais, a que se acrescenta, ainda segundo a mesma autora, o facto de a crónica ser um espaço para as reflexões do autor e mesmo para as suas ‘impressões’, melhor se diria, opiniões.

Anabela Gradim acompanha de perto estas (e tantas outras) definições da crónica, acrescentando, de forma mais específica que a crónica sendo uma narrativa que, contando uma história ou factos do quotidiano, “Já não é um texto que obedece a um rigoroso encadeamento lógico, nem tem propósitos

<sup>1</sup> Inicialmente grafada *Ilustração Portuguesa*, depois *Ilustração Portuguesa* e finalmente *Ilustração Portuguesa*.

<sup>2</sup> Os números publicados até 1923 estão disponíveis em <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/IlustracaoPortuguesa.htm>

proselitistas – as crônicas só muito raramente exprimem opiniões ou têm por fim convencer um auditório. São normalmente textos de leitura leve e agradável, sem pretensão a grandes consequências políticas” (GRADIM, 2000, pp. 96-97).

José Ricardo Carvalheiro (2020), evocando Martín Vivaldi e Benoit Grevisse, entende que o cronista tem uma visão humorística, filosófica ou poética, dos assuntos aparentemente secundários, e uma escrita assente na criatividade para a captação da atenção do público (2020, p. 4). Também Ana Prata (2010) refere que o cronista “visa provocar a reacção do leitor, funcionando a crónica como uma reflexão crítica sobre um determinado estado de coisas”, acrescentando que “as crônicas são textos que vivem das situações provenientes do meio que os rodeia e que, em geral, manifestam uma implicação social muito forte” (PRATA, 2010, p. 27).

Em síntese, de acordo com Susana Rotker, em *La invención de la crónica* (2005), a crónica é um texto híbrido, marginalizado e marginal, “que no suele ser tomado en serio ni por la institución literária ni por la periodística, en ambos casos por la misma razón: el hecho de no estar definitivamente dentro de ninguna de ellas” (ROTKER, 2005, p. 225).

## 2 JÚLIO DANTAS E A ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

A *Ilustração Portuguesa* foi uma revista lançada, em 1903, como complemento do jornal *O Século*, que primava pela imagem, num formato de álbum de festas e trivialidades, mas também pelos textos da intelectualidade portuguesa, sobretudo escritores proeminentes da época. De acordo com a ficha técnica, a publicação manteve-se nas bancas até 1993<sup>3</sup>, afirmando-se como “magazine semanal onde ficarão archivados, pela photographia, pelo desenho, pelo *interview* e pela descrição e reportagem literárias, todos os aspectos da vida portuguesa contemporânea” (IP, 1906, nº 118, p. 93). Sobretudo a partir de 1906, a revista pretendeu

fixar e transmitir às gerações futuras a imagem da nossa existência contemporânea, em todos os seus campos de actividade, documentando a nossa actual vida domestica, política literária, mundana e artística, coligindo os mais numerosos subsídios para a história dos homens e dos acontecimentos (IP, 1906, nº 118, p. 93).

<sup>3</sup> Segundo a Ficha Histórica da Ilustração Portuguesa (CORREIA, 2009, p. 1), a “longevidade [foi] mais aparente do que real, porque a partir de 1931 verifica-se apenas a edição de um ou dois números por ano, com poucas páginas, evidenciando o propósito exclusivo de manter a posse do título”.

Com base no acervo digital da revista *Ilustração Portuguesa*, disponibilizado pela Hemeroteca Digital de Lisboa, foram identificadas, após uma análise temática, vinte e sete crônicas (tabela 1) da autoria de Júlio Dantas sob o tema da mulher, a partir das quais se aplica uma análise cultural e hermenêutica das representações da mulher na visão do escritor português, no dealbar do século XX.

**Tabela 1: A temática da Mulher nas Crônicas de Júlio Dantas**

ANO	TÍTULO DA CRÔNICA	NÚMERO IP	PÁGINA
1913	Feminismo	nº374	p. 487
1913	Feminismo	nº378	p. 609
1913	Sua Alteza a Moda	nº 386	p. 33
1913	A Mulher	nº 389	p. 129
1913	O outro sexo	nº 394	p. 289
1913	Mulheres	nº 396	p. 353
1913	Uma sufragista	nº 410	p. 751
1914	A greve do silêncio	nº 414	p. 97
1914	Eterno feminino	nº 415	p. 129
1914	O Espartilho	nº 420	p. 289
1914	Eva moderna	nº 435	s/p
1914	Miss Cyclone	nº 437	s/p
1914	Eterno feminino	nº 453	p. 513
1915	Madame X	nº 465	p. 65
1915	Bilhete de M.elle X	nº 472	p. 289
1915	Pelo telefone, a M.me Y	nº 473	p. 321
1915	De viva voz, a miss X	nº 474	p. 353
1915	As saias	nº 477	p. 449
1915	O Fado	nº 481	p. 577
1915	A Franceza	nº 485	p. 705
1915	Negócios de saias	nº 488	p. 801
1915	Modas	nº 489	p. 1
1915	Eterno feminino	nº 502	p. 417
1915	Saias curtas	nº 507	p. 577
1916	Saias curtas	nº 516	p. 33
1916	Mulheres portuguesas	nº 529	p. 449
1916	Negocios de saias	nº 532	p. 521

**Fonte: Elaboração própria.**

Quando iniciou a sua colaboração como cronista na revista *Ilustração Portuguesa*, Júlio Dantas (1876-1962) era já um escritor renomado, com obra nos diversos géneros literários (romance, conto, poesia, teatro, crónica, oratória, ensaio), destacando-se os títulos *A ceia dos cardeais* (1902) e, sobretudo, *A Severa* (1901) ou *Santa Inquisição* (1910).

Segundo José Camões (2023), na escrita literária, Dantas evidencia “alicerces românticos” nas obras de índole histórica e mitológica nacional, revela uma “idealização da história pátria”, “de pendor saudosista” e de “cunho fortemente anticlerical” (no teatro, com a peça *Santa Inquisição*, de 1910), oscilando entre o “sentimentalismo romântico, o grotesco e a sátira” (CAMÕES, 2023, s/p).

Na vida pública, por ter exercido diversos cargos e funções políticas, o escritor ocupava um lugar de destaque no panorama cultural da época, tendo uma exposição mediática de relevo e, por vezes, polémica, como o episódio que protagonizou com Almada Negreiros, aquando da publicação do primeiro número da Revista *Orpheu*. De forma depreciativa, numa crónica intitulada “Poetas paranoicos” (1915I, p. 481), Dantas desconsiderou os autores do primeiro número desta Revista, ao que o pintor e escritor modernista respondeu com o *Manifesto Anti-Dantas* (NEGREIROS, 1915), um texto que visa responder, com animosidade, às provocações do cronista.

Entre abril de 1913 e maio de 1916, Dantas publicaria cento e vinte e nove crónicas na 2ª série da revista; esta 2ª série, iniciada em finais de fevereiro de 1906, assumia-se como uma “Revista semanal dos acontecimentos da vida portuguesa – vida social, vida política. Vida artística, vida literária, vida mundana, vida sportiva, vida doméstica” e, ao contrário da 1ª série, não incluiu, até ao número 374, qualquer crónica, uma circunstância desalinhada com o que sucedera em todos os números da série anterior (1903-1906) finda em 12 de fevereiro de 1906, na qual o texto cronístico figurava na abertura e era composto por um tema único.

Recuperando a crónica jornalística como parte integrante, o novo diretor (e proprietário) J.J. da Silva Graça entregaria, conforme antes afirmado, a responsabilidade da sua escrita ao consagrado autor Júlio Dantas, mas num formato diverso do da 1ª série; agora, a crónica ressurgia multitemática, habitualmente na página 3, e foi anunciada pela revista, num *incipit* colocado ao cimo do texto da primeira crónica, apresentar-se

sob uma nova forma, a do comentário impressivo a ideias e factos, precedido do enunciado rápido desses factos ou d’essas ideias [porque] O leitor moderno lê ‘à la minute’: vinte linhas são suficientes para encontrar um aspecto novo, marcar uma figura, comentar uma iniciativa ou fixar um acontecimento (DANTAS, 1913a, p. 487).

O enunciado rápido, espécie de resumo inicial, desapareceria ao fim de meia dúzia de números, mas as cerca de vinte linhas para cada tema (normalmente quatro em cada crônica) permaneceria cumprindo o editorializado; uma outra alteração, sem qualquer aviso ou referência, ocorreu ao fim de três números: os temas da crônica ganhavam ilustrações, maioritariamente da autoria de Manuel Gustavo, filho de Rafael Bordalo Pinheiro, episodicamente substituído por Hipolite Collomb.

A colaboração de Júlio Dantas iniciou-se, como referido, com a reentrada da crônica no alinhamento da *Ilustração Portuguesa*, no nº 374 de 21 de abril de 1913, e terminou no nº 532, de 1 de maio de 1916; nesses cerca de três anos, assinou 129 crônicas (1913 – 36; 1914 – 45; 1915 – 37; 1916 – 11), tendo sido substituído em alguns números por Augusto de Castro e Mário de Almeida.

Cumprindo os requisitos enunciados para esta nova vida e formato da crônica, um “velho sumário jornalístico” como também é identificada, a variedade de temas é a sua imagem de marca (é possível que o próprio Júlio Dantas tenha estado ou participado na definição deste novo formato), sendo certo que o início da Grande Guerra implicará, a partir de uma certa altura, a referência a esse acontecimento de forma mais reiterada; assinale-se, a título de mera curiosidade, que a colaboração de Júlio Dantas termina quando Portugal entra formalmente na guerra<sup>4</sup>.

Nas crônicas de Júlio Dantas ressalta o quotidiano da realidade social, política, cultural, artística, mundana ou desportiva do novo Portugal republicano, o comentário leve, a notícia de factos e curiosidades nacionais e estrangeiras, tudo vertido numa narrativa cuja linguagem, rica esteticamente e de agradável leitura, é demonstrativa das qualidades do autor. A mulher e as realidades que ao tempo lhe estavam associadas, figuram entre os temas que o autor mais tratou; fê-lo com alguma regularidade, contando-se, entre as cerca de treze dezenas de crônicas que escreveu para esta 2ª série da revista do jornal *O Século*, trinta e seis abordagens que remetem diretamente para a mulher e o mundo no feminino, perspetivando as suas narrativas entre a notícia, o comentário e a sua opinião pessoal, às vezes claramente muito pessoal, que a época explica, aqui e ali frequentemente salpicados, estes dois últimos aspetos, por uma fina ironia ou mesmo sarcasmo que concorrem para manter o tom ligeiro do discurso, aparentemente para não ser muito de levar a sério.

<sup>4</sup> Portugal entra na guerra a 9 de março de 1916, quando a Alemanha declara guerra a Portugal.

### **3 AS CRÔNICAS “FEMININAS” DE JÚLIO DANTAS NA ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA**

Encontram-se, nos textos identificados, sete dedicados ao tema do feminismo e dos direitos da mulher intitulados “Feminismo” (nº 374), “Feminismo” (nº 378), “A mulher” (nº 383), “O outro sexo” (nº 394), “Uma sufragista” (nº 410), “A greve do silêncio” (nº 414) e “Miss Cyclone” (nº 437).

O texto “Feminismo” (nº 374, 21/04/1913, p. 487) integra a primeira crônica escrita por Júlio Dantas e foi motivado pela apresentação de um decreto-lei do deputado e dramaturgo Ramada Curto no Parlamento da Primeira República em 1913; aí se propunha estender à mãe os direitos que as leis vigentes concediam ao pai pondo, assinala o autor, “Os dois cônjuges em igualdade de circunstâncias, quanto ao exercício do pátrio poder”; sabe-se como a Primeira República foi sensível, pelo menos inicialmente, à questão dos direitos da mulher, não deixando, mesmo assim, esta proposta de Ramada Curto de ser revolucionária, e que Júlio Dantas considerava ir ao encontro das mais justas reivindicações da “Eva Moderna” enquanto mulher-mãe; esclareça-se que esta proposta de lei apontava para a criação de maternidades, proteção às grávidas e mulheres pobres e iguais responsabilidades quanto à educação dos filhos. No entanto, o autor não se coíbe de introduzir uma nota relativa a esta “Eva Moderna” e os seus direitos pois considera que ela “agora perdeu um pouco a cabeça com *lady* Pankhurst e o sufrágio inglês” (DANTAS, 1913a, p. 487), isto é, direitos da mulher-mãe e não direitos cívicos, igualdade entre homem e mulher, tal como a líder do sufrágio britânico reclamava. O Código Eleitoral de 1913 acabou por determinar que seriam “eleitores de cargos legislativos os cidadãos portugueses do sexo masculino maiores de 21 anos”, terminando a ambiguidade da legislação anterior<sup>5</sup>.

As notícias da luta das sufragistas lideradas pela ativista Emmeline Pankhurst (1858-1928) mereceram a Júlio Dantas algum destaque, seja pela descrição de algumas das ações de luta coletiva incrementadas em vários países – explosões, ataques a instituições, manifestações públicas, ações de informação, boicotes (DANTAS, 1913b, p. 609) – seja pelo registo de casos individuais apresentados numa dupla dimensão sério-jocosa, condescendente ou mesmo paternalista. Um bom exemplo disso é a pequena intervenção intitulada “Uma sufragista”, integrada na crônica publicada a 29/12/1913 (DANTAS, 1913g, p. 751), em que é relatada a ação de distribuição de uma rosa feita por Lilian Glenworth a cada deputado do parlamento britânico que subscrevesse o manifesto sufragista, uma estratégia que se

<sup>5</sup> Neste contexto, “Os defensores do voto feminino argumentam com os ideais republicanos, a Constituição, o seu reconhecimento em alguns países e o facto de as mulheres exercerem na sociedade funções semelhantes às dos homens”, enquanto que “Os opositores ao sufrágio feminino baseiam-se na tradicional religiosidade da mulher e no perigo de esse direito poder provocar discórdias domésticas, no caso de não existir concordância de opiniões no casal”, sendo a mulher caracterizada de forma pejorativa [“espírito retrógrado”, “influência nefasta”]. <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/sufragio-feminino1913.aspx>



revelou um sucesso, de acordo com o cronista, mesmo junto dos parlamentares mais conservadores; Dantas assinala mesmo (e este é um elemento interessante para a compreensão da mentalidade da época e do seu discurso sobre a mulher em particular) que Nietzsche e Strindberg, “misóginos intransigentes”, fariam o mesmo, talvez pelas mesmas razões do deputado Millerand que afirmou: “Que distância entre lady Glenworth e mistress Pankhurst!”. A razão desta frase dá-a o cronista em jeito de conclusão: “Não há dúvida. Toda a distância que vai de uma mulher feia para uma mulher bonita” (DANTAS, 1913g, p. 751).

Um outro exemplo é o comentário intitulado “Greve de silêncio” a propósito da greve de fome feita na prisão por Sofia Pankhurst, filha da líder das sufragistas que, segundo o cronista, “continuam a bater o *record* do escândalo”, e durante a qual não só não comeu como não bebeu, não dormiu e não falou, “o que é verdadeiramente admirável numa mulher”; Júlio Dantas confessa-se sarcasticamente horrorizado pela notícia saída no *Sunday Times*, “Não de pensar no que *miss* Sophia deixou de dizer enquanto esteve presa, mas no que *miss* Sophia teria dito depois de ser posta em liberdade” (DANTAS, 1914a, p. 97).

Também a feminista francesa Mme Delardre Marhus e a sua famosa frase “Pourquoi nous abaisser à demander légalité, alors que nous avons, de fait sinon de droit, la supériorité sur l’homme?”<sup>6</sup> marcaram presença na crónica “O outro sexo” merecendo do autor a seguinte resposta: “D’onde se prova que a única preocupação da mulher é, por toda a parte, o homem” (DANTAS, 1913e, p. 289).

Naturalmente que as sufragistas e as suas formas de luta não colhiam os favores (se bem que lhe merecessem a atenção o que é significativo) de Júlio Dantas, donde as representações de teor desfavorável que quase desembocam numa guerra de sexos; comentando uma notícia do *Times*, que dá conta de que os maridos das ativistas teriam feito seguros para cobrir os estragos provocados pelas suas mulheres, Dantas é corrosivo em “Miss Cyclone”: “Deverá ser ‘blague’ do *Times*. Pois ainda haverá sufragistas que se dêem ao luxo, absolutamente supérfluo, de ter um marido?” (DANTAS, 1914e, p. 1).

Contudo, no quadro do tema “feminismo”, e na única vez em que a protagonista é uma mulher portuguesa, Virgínia de Castro e Almeida (1874-1945)<sup>7</sup>, definida, curiosamente, como “esse admirável homem de Letras”, Júlio Dantas adota uma atitude diferente; a autora publicou um livro (cujo título não é referido), o qual, segundo o cronista, é um “hagiológico da Eva moderna (...) a expressão calma de uma verdade: a mulher tem o direito de aspirar a ser alguma coisa mais do que a dolorosa e humilde ‘mãe do homem’” (DANTAS, 1913d, p. 129).

<sup>6</sup> “Porque havemos de nos rebaixar a pedir legalidade, quando temos, de facto se não de direito, superioridade sobre o homem?” (tradução nossa).

<sup>7</sup> Virgínia de Castro e Almeida, “única filha dos Condes de Nova Goa, (...) recebeu uma educação privilegiada em línguas e artes” (HOYO, 2019, p.29).

**Imagem 1: A Mulher**



**Fonte: DANTAS, 1913d, p. 129.**

Claramente, em matéria de feminismo, Dantas não vê a importância de uma luta mais aguerrida, mais radical por parte da mulher, pois necessariamente atenta nisso uma disputa do poder “natural” masculino cujo horizonte não integra a sua visão para a mulher neste início do século: mais direitos, sim, iguais mesmo aos dos homens, mas apenas no que respeita à maternidade e aos filhos; por isso, já enunciava, um tanto paradoxalmente, uma “verdade irrecusável” na caminhada desse processo legislativo na sua primeira crônica anteriormente referida e que se retoma: “O maior defeito das leis que respeitam à mulher, é o de terem sido feitas exclusivamente pelo homem” (DANTAS, 1913a, p. 487).

O tema do universo feminino que mais ocupou Júlio Dantas foi a moda, à qual dedicou dezoito comentários, parte deles uma espécie de correspondência com as leitoras. A moda para a mulher, leia-se a mulher da classe média-alta, letrada e, certamente frequentadora dos salões de chá e do Passeio

Público lisboeta, é o seu espelho social, o seu apetrecho de sedução indispensável, a expressão da futilidade e o símbolo da sua dependência, mas, simultaneamente, a afirmação robusta do seu desejo de independência.

Em tempos que preanunciavam a futura loucura dos anos 20 que a Grande Guerra viria a potenciar, Júlio Dantas anota, sob o título “Sua alteza a moda”, a “ditadura amável que a moda exerce entre a gente civilizada” e estabelece a “ausência de carácter prático de todas as modas” (DANTAS, 1913c, p. 33), princípios analíticos que sempre presidirão aos seus comentários sobre esta matéria; claro que há exceções como a saia aberta ou o chapéu ‘v’là mon mari’, artefactos de “manifesta utilidade para a mulher enganar o melhor possível o homem” (DANTAS, 1913c, p. 33).

Segundo Júlio Dantas, a moda feminina, o modo de vestir da “Eva Moderna” (1914d), oscila entre dois parâmetros opostos, a saber, a corrente pagã e a corrente cristã, o mesmo é dizer entre a tentação e o pecado, a redenção e a penitência. O autor explica que

a corrente pagã pretende revelar, em toda a sua beleza, as formas gloriosas da mulher; a corrente cristã, que pretende disfarça-las e esconde-las, creando formas artificiais e aberrantes em desarmonia com as linhas esculturais do corpo humano (DANTAS, 1914d, s/p).

Neste contexto, facilmente se percebe por que lado joga o escritor, bastando, para tal, assinalar a sua posição quanto ao uso do espartilho, nas crónicas nº 420, 473 e 474; depois de anunciar o surgimento de novas formas de espartilho menos apertado, denuncia a intenção dos criadores de moda em abolir esse artefacto, considerando isso como uma “evangelização do regresso às linhas naturais” e o conseqüente ressurgimento da “carnação luminosa e livre da Eva ultra-moderna” neste seu retorno às formas clássicas celebradas no Renascimento; sarcástico, conclui: “É o triunfo irreduzível do osso. É uma conspiração das mulheres magras contra as mulheres gordas” (DANTAS, 1914c, p. 289). Júlio Dantas, aliás, tem uma teoria muito pessoal sobre o espartilho, considerando-o um mal necessário, uma instituição que sempre existirá “não apenas por ser útil à mulher, mas muito especialmente, por ser agradável ao homem” (DANTAS, 1915c, p. 321). Naturalmente, enganou-se. Esta sua convicção vem exposta num tema de crónica titulado “Pelo telefone, a Mme Y”, que uma vez mais expõe a mulher sedutora (donde a classificar de Eva Moderna) que tudo faz para a amplificação dessa sedução, mesmo que à custa de sacrifícios, por vezes dolorosos, pois é essa a sua natural condição: “Pois não é verdade, minha querida amiga, que, para dar a alguém o prazer de lho tirar, é bem empregado o sacrifício de o ter posto?” (DANTAS, 1915c, p. 321).

Acusado por uma leitora de ridicularizar as modas femininas, Dantas foi cáustico na resposta: “o ridículo não atinge senão as mulheres feias. Ainda ha de inventar-se uma moda que fique mal a uma

mulher bonita” porque a beleza “justifica tudo” (DANTAS, 1915, p. 353); e se, tal como a mesma leitora lhe terá referido, os homens também usam espartilho, a conclusão do autor é óbvia: “Mais uma vez se prova (...) que tudo o que há de mau no homem é precisamente o que ele imitou da mulher” (DANTAS, 1915d, p. 353).

A abordagem de Júlio Dantas à moda, à atualidade da moda feminina, tem sempre presente a sua efemeridade, o que revela ou esconde, o que sugere ou nega; as saias, em particular, mais curtas ou compridas, mais apertadas ou largas, foram objeto da sua pena crítica, e quando o criador francês Poiret apresentou a saia de grande roda em 1915, Dantas revela que “A mulher-amphora vai suceder à mulher-sino” e comenta com acrimônia:

Poiret, depois de ter despedido as nossas mulheres, lembrou-se amavelmente de as vestir. E nós, que lhe agradecemos e lhe pagamos quando elas andavam nuas, agora, que as vestiu, temos pelo menos o dever moral de nos confessar muito agradecidos. (DANTAS, 1915e, p. 449)

Já em crônica precedente Júlio Dantas rotulava os vestidos modernos como exíguos, “quase imateriais (...) um diminutivo muitíssimo interessante, quando se observa na mulher dos outros” (DANTAS, 1915b, p. 289) e, posteriormente, respondia à provocação (feminista?) de uma leitora que o interrogava sobre o porquê do interesse dos homens pelas saias se não eram eles que as vestiam: “ Não são eles que as vestem, não, minha querida amiga: - mas são eles que as pagam” (DANTAS, 1915h, p. 801).

Júlio Dantas mostra-se atento não só à moda, mas também ao discurso que a acompanha; perante a defesa feita por uma leitora das saias modernas que mostravam o pé e que, por isso, obrigavam a mulher a calçar-se bem, o cronista foi condescendente e respondeu citando uma frase ainda hoje icônica no que à moda feminina respeita da autoria de Mme Lafitte Desirat: “O melhor vestido da mulher é aquele que melhor a despe” (DANTAS, 1915i, p. 1).

Apesar de recorrentemente crítico das saias curtas, Dantas não deixa de lhe apontar vantagens ou virtudes para a mulher, conforme se constata no comentário que faz às saias usadas no outono de 1915: “Pelos últimos figurinos, a mulher masculiniza-se e remoça. A badine dá-lhe um ar de rapaz. A saia curta tira-lhe dez anos. As mães parecem irmãs das filhas”; há, mesmo assim, um senão em tom divertido nesta positividade: “Mas (...) como quer você que eu diga bem de uma moda que torna as mulheres mais novas, e os homens mais velhos?” (DANTAS, 1915k, p. 577). No início de 1916, as saias curtas já mostram o pé e a perna, continuam a remoçar as mulheres e a perturbar os homens segundo o autor, e permanecem com um defeito, agora de outro tipo, pois, escreve, têm o “inconveniente das modas

excessivamente reveladoras”, ou seja, “que vantagem há em saber-se que Madame Z tem as pernas tortas e que Mademoiselle Y mete os pés para dentro?” (DANTAS, 1916a, p. 33).

Na primavera de 1916, naquela que foi a sua crônica final, Júlio Dantas critica violenta e corrosivamente a moda de saia de balão, uma nova moda lançada por Poiret, escrevendo: “não há dúvida de que se caminha (...) para o arame, para o balão, para a monstruosidade, para a deformação, para a caricatura”; agora, o cronista censura a saia que esconde as pernas e o costureiro por não expor a beleza feminina: “Mas a mulher será geralmente tão feia, que seja preciso voltar a esconder-lhe as pernas dentro de uma saia de balão?” (DANTAS, 1916c, p. 521).

**Imagem 2: *Negócios de saias***

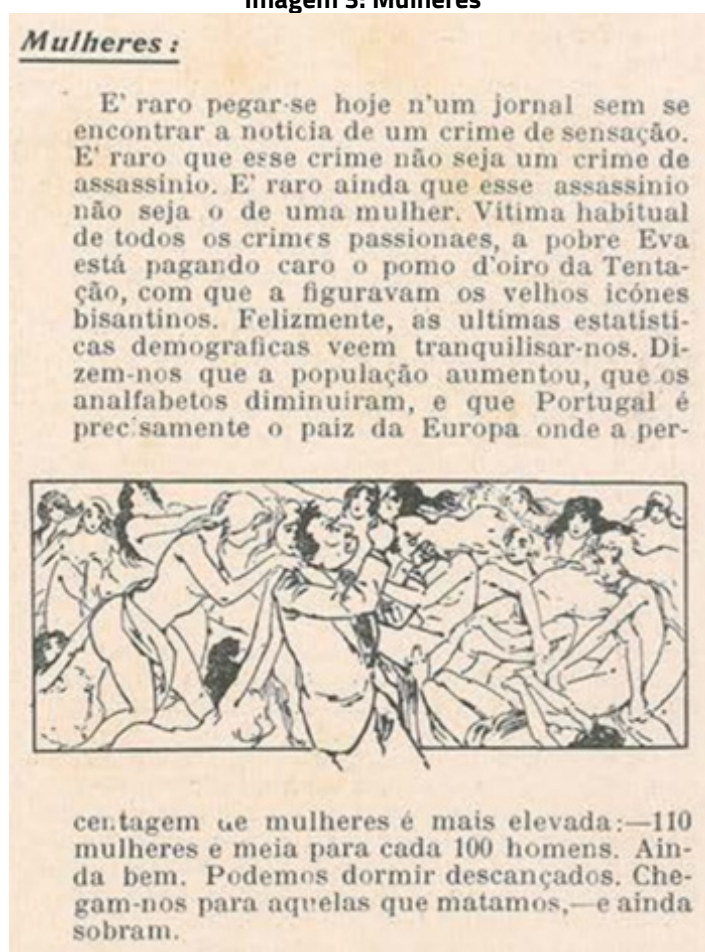


**Fonte: DANTAS, 1913f, p. 353.**

Outros assuntos abordados nas crônicas de Júlio Dantas justificam o papel central da mulher, nomeadamente os apelidados “crimes de sensação” publicados nos jornais nacionais e internacionais, normalmente assassinatos de mulheres; afirmando que em Portugal há cento e dez mulheres e meia para cem homens, o cronista dá expressão e destaque a essa realidade trágica que atinge o género

feminino em comentário inscrito na crônica publicada em setembro de 1913, expondo essa chaga com suprema ironia tendo em conta o diferencial numérico acima reportado: “Podemos dormir descansados. Chegam-nos para aquelas que matamos, e ainda sobram” (DANTAS, 1913f, p. 353).

**Imagem 3: Mulheres**



**Fonte: DANTAS, 1916c, p. 521.**

Numa rubrica intitulada “Eterno feminino”, Dantas declara a mulher como “a mais encantadora de todas as contradições” exemplificando: “A mulher vestiu-se este inverno com o termómetro a 0: imensas estolas, regalos enormes (...) raposas nos ombros, peles caídas pelas costas – e o peito nú, ao frio”; (DANTAS, 1914b, p. 129) sob o mesmo título registaria frases célebres, ‘verdades eternas’ sobre mulheres de que se deixa aqui um exemplo de Saint Evremond: “Querer esquecer uma mulher, é ainda pensar nela”. (DANTAS, 1914f, p. 513)

A recente apresentação e aprovação em sede da Assembleia da República de uma lei que proíbe o piropo, afinal não é tão inédita assim, uma vez que, em já 1915, segundo escreve Júlio Dantas na sua crónica de 18 de janeiro (1915a, p. 65), saiu uma ordem da polícia proibindo perseguições e galanteios a mulheres na rua; a propósito e como reação a esta diretriz, o cronista revela a original opinião de uma sua interlocutora, Madame X, que com ele tomava chá, que é, no mínimo, surpreendente, mas também reveladora de uma certa mentalidade da época. Assim relata o autor:

O senhor faz o favor de me dizer que mal fizeram as mulheres ao sr. Comandante da polícia? (...) Sim, que mal lhe fizemos nós, para ele nos privar do maior prazer que pode ter uma mulher – que é o de ser seguida e cortejada na rua? Então o sr. Comandante da polícia não sabe que um galanteio é sempre um encanto, mesmo quando é uma grosseria? Não sabe que, lá bem no fundo, todas as mulheres gostam que as desrespeitem um pouco e só não perdoam a quem as respeita de mais? Quando Madame X acabou, eu tomei o meu chá e concluí que nós, homens, cada vez percebemos menos as mulheres (DANTAS, 1915a, p. 65).

A atenção para o universo feminino nas crónicas de Júlio Dantas ainda acolheu o mundo do fado e o registo da morte de Maria Vitória (1888-1915), bem como uma referência à também já desaparecida Júlia de Oliveira (1883-1925), mais conhecida por Júlia Florista. Nelas, o cronista que sempre celebra a beleza física feminina, descobre um outro tipo de sedução feminina irresistível, a beleza do sentimento: “Nenhuma foi bonita. Mas ambas tiveram a perturbadora e incoercível beleza do sentimento, que transfigura todas as feias e que domina todos os homens” (DANTAS, 1915f, p. 577).

Finalmente, e porque o tempo era de guerra, a mulher francesa merece-lhe um elogio por suportar os horrores do conflito, sofrer tudo, abdicar e renunciar a tudo sem perder o seu prestígio de sedução, o seu poder de encanto que levou, por exemplo, para os hospitais no seu uniforme de enfermeira; (DANTAS, 1915g, p. 705)<sup>8</sup> no mesmo contexto, também as mulheres portuguesas foram encomiadas pois organizaram-se para o esforço de guerra anunciada (obras de assistência, enfermagem, carreira de tiro) e, convicção do cronista, “ao grito supremo de ‘pátria em perigo’ hão de levantar-se como uma só alma, como uma só vontade, como um só coração, e envolver no seu manto heroico de ternura e de amor todos aqueles que souberem bater-se, sofrer e morrer pelo seu país” (DANTAS, 1916b, p. 449).

<sup>8</sup> J.J. Rodrigues da Silva, no estudo que fez sobre as crónicas da *Ilustração Portuguesa* no período de 1914-1916 que assinalam o percurso que levará Portugal a entrar formalmente na Primeira Grande Guerra, também se referiu ao papel aí desempenhado pela mulher francesa e ao modo como Dantas o perspetivou: “Júlio Dantas partilha a mesma devoção pela mulher francesa, não deixando de a saudar de forma entusiástica pelo seu heroísmo e pela sua abnegação, no meio das terríveis provações do conflito mundial” (Silva, 2015, p. 12)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da impossibilidade de definir a crônica enquanto gênero, por esta oscilar entre o discurso jornalístico e literário, este trabalho visou enquadrar estas narrativas breves no tempo e no espaço em que elas formam produzidas, isto é, nos inícios do século XX, em Portugal. As crônicas analisadas escritas por Júlio Dantas revelam o pensamento de uma cultura de elite portuguesa no que concerne o papel da mulher na sociedade e, pela sua digitalização na Hemeroteca de Lisboa, funcionam como repositório de memória de cultura e ideias.

Segundo Paula Cristina Lopes, “Há, à partida, uma relação estreita entre “crônica” e “História”, uma espécie de parentesco, já que ambas constroem “memória” usando como matéria-prima o tempo” (s/d, p. 1). As crônicas de Júlio Dantas, ainda que denotando marcas de uma sociedade cujo modelo de organização colocava a mulher num patamar diferente do homem, nem por isso deixam de revelar uma óbvia sensibilidade por uma nova realidade que fazia caminho e que era preciso trilhar, a caminhada por uma igualdade de direitos. Claro que a mulher aqui representada insere-se num patamar de classe média-alta (era esse o público-leitor da *Ilustração Portuguesa*) e é possível observar algum diletantismo, condescendência mesmo, nas apreciações que Dantas faz da mulher ou daquilo que mais a ela diz respeito; ainda assim, e tomando o exemplo da moda e da sua eventual futilidade, é uma evidência que o cronista deixa registado para a memória do seu tempo, o quanto essa futilidade serviria a causa feminina – a voz que Dantas lhe concede é prova disso mesmo e as suas impressões pessoais, para usar a expressão de Agnès (2008), bem como a observação de um certo quotidiano da mulher confirmam-no.

## REFERÊNCIAS

AAVV. *Jornalismo e Literatura*. Lisboa: Veja, 1988.

AGNES, Y. *Manuel de journalisme: Écrire pour le journal*. La Découverte, 2008.

CAMÕES, J. Júlio Dantas. **Modernismo – Arquivo Virtual da Geração de Orpheu**, IELT-FCSH, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/j/206-julio-dantas-1876-1962>. Acesso em: 18 mar. 2023

CARVALHEIRO, **José Ricardo**. A crônica como gênero jornalístico e o emergir do subgênero “do quotidiano”. **Comunicação Pública** [Online], Vol.15 nº 29, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/cp.11282>

CORREIA, Rita. **Ficha Histórica da Ilustração Portuguesa**, 2009. Disponível em: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/IlustracaoPortuguesa.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2023.



- DANTAS, J. Crónica – Feminismo. **Ilustração Portuguesa**, nº374, p. 487, 1913a.
- DANTAS, J. Crónica – Feminismo. **Ilustração Portuguesa**, nº378, p. 609, 1913b.
- DANTAS, J. Crónica – Sua Alteza a Moda. **Ilustração Portuguesa**, nº386, p. 33, 1913c.
- DANTAS, J. Crónica – A Mulher. **Ilustração Portuguesa**, nº389, p. 129, 1913d.
- DANTAS, J. Crónica – O outro sexo. **Ilustração Portuguesa**, nº394, p. 289, 1913e.
- DANTAS, J. Crónica – Mulheres. **Ilustração Portuguesa**, nº396, p. 353, 1913f.
- DANTAS, J. Crónica – Uma sufragista. **Ilustração Portuguesa**, nº410, p. 751, 1913g.
- DANTAS, J. Crónica – A greve do silêncio. **Ilustração Portuguesa**, nº414, p. 97, 1914a.
- DANTAS, J. Crónica – Eterno feminino. **Ilustração Portuguesa**, nº415, p. 129, 1914b.
- DANTAS, J. Crónica – O Espartilho. **Ilustração Portuguesa**, nº420, p. 289, 1914c.
- DANTAS, J. Crónica – Eva moderna. **Ilustração Portuguesa**, nº435, s/p, 1914d.
- DANTAS, J. Crónica – Miss Cyclone. **Ilustração Portuguesa**, nº437, p.1, 1914e.
- DANTAS, J. Crónica – Eterno feminino. **Ilustração Portuguesa**, nº453, p. 513, 1914f.
- DANTAS, J. Crónica – Madame X. **Ilustração Portuguesa**, nº465, p. 65, 1915a.
- DANTAS, J. Crónica – Bilhete de M.elle X. **Ilustração Portuguesa**, nº472, p. 289, 1915b.
- DANTAS, J. Crónica – Pelo telefone, a M.me Y. **Ilustração Portuguesa**, nº473, p. 321, 1915c.
- DANTAS, J. Crónica – De viva voz, a miss X. **Ilustração Portuguesa**, nº474, p. 353, 1915d.
- DANTAS, J. Crónica – As saias. **Ilustração Portuguesa**, nº477, p. 449, 1915e.
- DANTAS, J. Crónica – O Fado. **Ilustração Portuguesa**, nº481, p. 577, 1915f.
- DANTAS, J. Crónica – A Franceza. **Ilustração Portuguesa**, nº485, p. 705, 1915g.
- DANTAS, J. Crónica – Negócios de saias. **Ilustração Portuguesa**, nº488, p. 801, 1915h.
- DANTAS, J. Crónica – Modas. **Ilustração Portuguesa**, nº489, p. 1, 1915i.

DANTAS, J. Crónica – Eterno feminino. **Ilustração Portuguesa** nº502, p. 417, 1915j.

DANTAS, J. Crónica – Saias curtas. **Ilustração Portuguesa**, nº507, p. 577, 1915k.

DANTAS, J. Poetas paranoicos. **Ilustração Portuguesa**, nº 477, p. 481, 1915l.

DANTAS, J. (Crónica – Saias curtas. **Ilustração Portuguesa** nº516, p. 33, 1916a.

DANTAS, J. Crónica – Mulheres portuguesas. **Ilustração Portuguesa**, nº529, p. 449, 1916b.

DANTAS, J. Crónica – Negócios de saias. **Ilustração Portuguesa**, nº532, p. 521, 1916c.

GRADIM, A. (2000). **Manual de Jornalismo**. UBI.

HEMEROTECA DIGITAL DE LISBOA. Disponível em: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/IlustracaoPortuguesa.htm>. Acesso em: 13 mar. 2023.

HOYO, E. C. Virgínia de Castro e Almeida: uma produtora no cinema mudo português. **Cinema - 45. Revista da Federação Portuguesa de Cineclubes**, pp. 27-33, agosto 2019. Disponível em: [https://www.fpcc.pt/revista/cinema\\_4520190911.pdf](https://www.fpcc.pt/revista/cinema_4520190911.pdf). Acesso em: 28 abr. 2023.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA. **Uma nova Ilustração Portuguesa**, nº 118, p. 93, 1906.

LOPES, P.C. **A crónica (nos jornais): o que foi? O que é?**. UAL, s/d. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-cronica-lobes.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2023.

NEGREIROS, Almada. **Manifesto Anti-Dantas e por Extenso**. Assírio & Alvim, [1915] 2013.

PRATA, A. F. A crónica como prática narrativa da cidade: entre conservação e acção. **Forma breve** 8, p. 23-41, 2010. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/6343/4666>. Acesso em: 11 mar. 2023.

ROTKER, S. **La invención de la crónica**. Fundación para un nuevo periodismo iberoamericano, 2005.

**S/A. Sufrágio feminino em debate (1913)**. <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/sufragio-feminino1913.aspx>. Acesso em: 2 fev. 2023.

SILVA, J.J.R. da **As “crónicas” da Ilustração Portuguesa (1914-1916)**. Universidade Nova de Lisboa, 2015. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/114462/1/CR\\_NICAS\\_5.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/114462/1/CR_NICAS_5.pdf). Acesso em: 2 mar. 2023.